

“MARIA, DAS MUTTAS QUE ROLAM PELO MUNDO”: A POESIA LUMINOSA/OBSCURA DE LEODEGÁRIA DE JESUS E CORA CORALINA

‘MARIA, AMONG THE MANY WHO WANDER THROUGH THE WORLD’: THE LUMINOUS/OBSCURE POETRY OF LEODEGÁRIA DE JESUS AND CORA CORALINA.

Dossiê:

Literatura negra e indígena no Brasil:
oralidades, ancestralidades, resistências



ORGANIZADORES:

Dr. Paulo Petronílio Petrot



Dr. Pedro Mandagará



Dr^a. Luciana Borges



CERRADOS
REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E LINGÜÍSTICA

v. 33, n. 65, ago. 2024
Brasília, DF
ISSN 1982-9701



FLUXO DA SUBMISSÃO

Submetido em: 17/02/2024

Aceito em: 18/06/2024

DISTRIBUÍDO SOB



Marta Bonach Gomes  

PUC-GO | marthabonach@gmail.com

Clovis Ecco  

PUC-GO | clovisecco@uol.com.br

Resumo/Abstract

Mediante uma abordagem que se pauta na sociologia dos/nos acervos literários, este estudo explora as trajetórias e estratégias empregadas pelas poetisas Cora Coralina e Leodegária de Jesus visando à sua inserção e ao seu reconhecimento no cenário literário goiano ao longo do século XX. Utilizando os procedimentos teórico-metodológicos delineados por Pierre Bourdieu e Clóvis Carvalho, identificamos peculiaridades e táticas frequentemente adotadas por essas poetisas. A análise dos acervos permitiu a reconstrução de relações fomentadas em prol das autoras, evidenciando ligações hierarquizantes entre suas trajetórias e os registros produzidos na busca pela distinção no universo literário. A visualização das diversas posições e das tentativas de profissionalização das escritoras se desdobrou em um contexto caracterizado por um acentuado processo de mercantilização cultural. Nesse contexto, as discussões acerca da literatura de autoria feminina e das questões de gênero, embasadas pela crítica feminista em suas diversas manifestações, assumem uma importância destacada. Os poemas interpretados evidenciam, no contexto referencial, aspectos antropológicos, sociológicos, de gênero e culturais, elucidando desafios no cerrado goiano. Além disso, a análise aborda a estrutura convencional da mulher submissa e aderente aos preceitos patriarcais da tradição da Igreja, presente nas entrelinhas dos poemas das autoras.

Palavras-chave: literatura feminina regional, religiosidade, gênero, poesia, resistência.

Through an approach guided by the sociology of literary collections, this study aims to explore the trajectories and strategies employed by Cora Coralina and Leodegária de Jesus seeking their insertion and recognition in the literary scene of Goiás throughout the 20th century. Using the theoretical and methodological procedures outlined by Pierre Bourdieu and Clóvis Carvalho Britto, we identified peculiarities and tactics often adopted by these poets. The analysis of literary collections allowed the reconstruction of relationships fostered in support of the poets, highlighting hierarchical connections between their trajectories and the records produced in the pursuit of distinction in the literary universe. The visualization of various positions and attempts at professionalization unfolded in a context characterized by a pronounced process of cultural commodification. Discussions about literature authored by women and gender issues, grounded in feminist criticism in its various manifestations, assume a highlighted importance. The interpreted poems highlight, in the referential context, anthropological, sociological, gender, and cultural aspects, elucidating challenges in the Goiás cerrado. Additionally, the analysis addresses the conventional structure of the submissive woman, adherent to the patriarchal precepts of the Church tradition, present in the subtext of the poems.

Keywords: regional women's literature, religiosity, gender, poetry, resistance.

INTRODUÇÃO

*Hontem, hoje, amanhã, agora e ainda e sempre
a mesma dor que não se finda, sempre o mesmo
punhal na mesma chaga.*

Leodegária de Jesus

A região Centro-Oeste do Brasil, rica em história, cultura e literatura, revela frutos literários significativos, como Leodegária de Jesus¹ e Cora Coralina². Essas poetisas, inseridas em um contexto pós-colonial, destacaram-se no cenário literário goiano no início do século XX. Leodegária de Jesus foi uma das primeiras mulheres negras a publicar um livro de poesia, utilizando estratégias para superar as representações coloniais de inferiorização e obter reconhecimento. Cora Coralina, por sua vez, enfrentou o preconceito da idade e teve dificuldades em publicar seu primeiro livro aos 76 anos. Além de atuarem como poetisas, Cora e Leodegária trabalharam como redatoras no periódico *A Rosa*³.

Este artigo tem como objetivo investigar as representações e percepções sobre Leodegária de Jesus e Cora Coralina analisando como as estruturas coloniais moldaram sua obra e trajetória. Buscamos responder a perguntas como: que estratégias Leodegária utilizou para superar as representações coloniais? Como Cora Coralina expressou a feminilidade e a experiência histórica em suas poesias? Qual é a percepção pública e a autopercepção dessas poetisas sobre seus papéis e contribuições?

Metodologicamente, adotamos uma abordagem fenomenológica, explorando a expressividade lírica e as representações do sagrado na obra das duas autoras. A pesquisa fundamenta-se na análise de poesias e em estudos teóricos de autores como França (1996), Denófrio (2001), Bourdieu (2005), Paz (1982), Coelho (1993) e Britto (2009).

A tese de doutorado em sociologia intitulada *A economia simbólica dos acervos literários*, de Clovis Carvalho Britto, datada de 2011, discorre sobre a notável ausência das autoras nos registros oficiais que atribuíam méritos às obras que compunham a literatura brasileira até o término do século XX. Nesse sentido, lemos estes versos de Leodegária: “Quanto talento / quantos lírios no botão / fadados ao esquecimento”⁴. Britto (2011) esclarece que a produção literária de autoria feminina foi relegada à periferia daquilo que configura o cânone literário. Este artigo, a partir da contribuição de pesquisas recentes, apresenta as hipóteses consideradas as mais plausíveis para a desvalorização de componentes humanos observada nas entrelinhas da palavra/poesia de cada autora.

Dado o enfoque centrado nas poetisas Leodegária de Jesus e Cora Coralina, optamos por abordar aqui a produção de escritoras mulheres na história da literatura em Goiás. De acordo com Almeida (2010), o período compreendido entre 1890 e 1920 caracterizou-se, para a mulher negra goiana, pelo enfrentamento de desafios, mas também por progressos notáveis.

1 Leodegária de Jesus (Caldas Novas, 8 de agosto de 1889 – Belo Horizonte, 12 de julho de 1978) foi poetisa, redatora, professora e a primeira mulher goiana a ter um livro de poesia publicado em Goiás, denominado *Coroa de lírios* (1906). Seu segundo livro, *Orquídea*, foi publicado em 1928..

2 Cora Coralina, pseudônimo de Anna Lins dos Guimarães Peixoto Bretas (Cidade de Goiás, 20 de agosto de 1889 – Goiânia, 10 de abril de 1985), foi poetisa e contista. Considerada uma das mais importantes escritoras brasileiras, ela teve seu primeiro livro publicado em junho de 1965 (*Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*), quando já tinha quase 76 anos de idade.

3 O jornal *A Rosa* foi fundado em 1907, na antiga Vila Boa de Goyas. “Embaladas pelo cenário intelectual” da época, suas primeiras redatoras foram as jovens Rosa Godinho, Alice Sant’Anna, Luzida de Oliveira e Lambertina Pova (Britto, 2009). Nicéphoro Silva foi um dos primeiros dirigentes do jornal, que posteriormente passou a ser comandado por Cora Coralina e suas amigas. Diferentemente dos demais jornais à época, *A Rosa* não era um periódico noticioso, por isso não se dedicava à cobertura dos acontecimentos factuais. Assim, os temas factuais com os quais lidava o veículo estavam estritamente ligados ao “mundo das ideias”, isto é, às ações da intelectualidade da sociedade vilaboense. No início do século XX, os poucos jornais produzidos no estado de Goiás tinham forte base ideológica e política, mas o engajamento de Cora Coralina no periódico *A Rosa*, ao lado das amigas Alice Augusta de Sant’Anna Coutinho, Rosa Santarém Godinho Bello e Leodegária de Jesus, abre precedentes para o protagonismo feminino.

4 Este verso pertence ao poema intitulado “Abandonado”, datado aproximadamente de 1930, período em que a poetisa efemeramente regressa à cidade de Goiás. Denófrio (2001) reporta que tal poema figura entre as últimas produções literárias da poetisa. A pesquisadora Darcy Denófrio evidencia que esses relevantes poemas foram publicados no jornal *O Lidador*, na edição 30, volume 1, datada de 5 de agosto de 1908. Vale salientar que, em 2003, a autora foi laureada com o prêmio Colemar Natal e Silva de Crítica Literária, conferido pela Academia Goiana de Letras. Além disso, foi agraciada com a Medalha Leodegária de Jesus, em 2001, pela União Brasileira de Escritores do Rio de Janeiro (UBE-RJ).

Naquele período, o Brasil vivenciava transformações sociais e políticas em virtude da abolição da escravatura, em 1888.

Durante essa fase, as mulheres enfrentaram uma série de obstáculos na busca por instrução e equidade, destacando-se a discriminação, o preconceito e a condição de vulnerabilidade socioeconômica. Observa-se que a oferta de educação formal destinada às mulheres negras permanecia restrita. Contudo, algumas instituições de ensino, tanto públicas quanto privadas, decidiram admitir alunas afrodescendentes.

Vêm se expandindo a interpretação e a elaboração de uma literatura que tem como fonte primordial a inserção do espaço goiano no centro das narrativas poéticas. Isso visa a reproduzir uma imagem autêntica do povo desse estado. Identifica-se, portanto, um olhar minucioso que funciona como mecanismo de legitimação para falar do passado. Esse fenômeno ocorre no contexto da produção artística, numa dinâmica criativa que se estabelece através de uma relação dialética entre autor e obra.

Dessas críticas, decorre a solicitação para que a arte e a ciência produzam referências sobre o elo entre seus campos. Ambas partem do entendimento de que a narrativa literária, ao tecer fatos imaginários, desvela conflitos sociais, cultura, *habitus* (BOURDIEU, 1974) e modos de vida comuns. Isso vem se impondo e despertando o interesse dos estudiosos.

Cumprе salientar que o propósito deste artigo não é corroborar estereótipos negativos, mas evidenciar a capacidade de superação de Leodegária e Cora Coralina diante das inúmeras dificuldades impostas por uma sociedade patriarcal e racista. Embora abordemos alguns estereótipos relacionados à raça e ao gênero, nosso intuito é destacar as conquistas dessas mulheres e suas contribuições literárias.

Em síntese, o estudo das obras de Leodegária de Jesus e Cora Coralina revela não apenas suas habilidades poéticas, mas também como suas vidas e obras refletem e desafiam as estruturas sociais e coloniais de seu tempo. As análises demonstraram a importância de incluir as vozes femininas negras na história literária, evidenciando o papel crucial que desempenharam e continuam a desempenhar na construção de uma identidade literária brasileira.

PRIMEIRAS MULHERES NA POESIA GOIANA

Em Goiás, a junção do reflexo estético com a interpretação poética, envolvendo elementos como sensibilidade e corporeidade, emerge de uma edificação social e cultural que oscila em consonância com as distintas épocas e sociedades. Nesse contexto, a vivência da feminilidade constitui uma experiência histórica e culturalmente delimitada, espelhando as diversas modalidades de estruturação social e as hierarquias de gênero que imperam em cada contexto. Não obstante, cada escritora aborda e entrelaça esse tema de maneira singular e única.

Leodegária de Jesus é a primeira mulher negra conhecida a publicar um livro de poesia no estado de Goiás. Seu primeiro livro, *Coroa de lírios*, foi publicado em 1906, tendo sido seguido, em 1928, pela obra *Orquídeas*. Apesar de seu pioneirismo, sua obra e sua trajetória ainda são pouco conhecidas. Seu legado passou a ser estudado no âmbito da academia apenas no século XXI.

Cora Coralina iniciou sua vida literária bem jovem, aos 17 anos, mas sua carreira como literata se deu no entardecer poético da autora, após os 70 anos de idade. Ela publicou seu primeiro livro de poemas, intitulado *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*, em 1965, quando já tinha 76 anos. A obra foi um grande sucesso e Cora tornou-se uma das principais figuras da literatura brasileira.

Bourdieu (2005, p. 31) assevera:

As mulheres são excluídas de todos os lugares públicos (assembleia, mercado) [...] E excluídas, se assim podemos dizer, *a priori*, em nome do princípio (tácito) da igualdade de honra, que exige que o desafio, que honra quem o faz, só seja válido se dirigido a um homem (em oposição a uma mulher) e a um homem honrado, capaz de dar uma resposta que, por representar uma forma de reconhecimento, é igualmente honrosa. A circularidade perfeita do processo indica que se trata de uma partilha arbitrária.

A disparidade social engendrada pelo colonialismo perpetua arranjos hierárquicos nos quais determinados grupos são submetidos à herança de uma condição desigual enquanto outros

desfrutam de privilégios. No transcorrer deste texto, observaremos que as poetisas vivenciam tal circunstância em momentos de sua vida, sendo subjugadas pelo sistema eurocêntrico.

A consciência social de nossas poetisas, principalmente a de Cora Coralina, ajudou a definir sua natureza. Ganha força aí a identidade das “mil vozes” que ressoam seu compromisso de identificação imaginária e real com seu povo, com a cultura goiana e com seu estilo poético singular.

As escritoras Cora Coralina e Leodegária de Jesus tiveram suas obras reconhecidas tardiamente pela crítica literária, mas atualmente são celebradas como importantes representantes da literatura feminina goiana e brasileira. Seus trabalhos são valorizados por sua natureza, sua originalidade e seu lirismo, apresentando narrativas literárias que tecem fotografias imaginárias, as quais, por sua vez, ajudam a desvendar conflitos sociais. Além disso, sua produção tem um teor lírico-poético e retrata a alma e a cultura da região Centro-Oeste do país.

Ademais, a presença da corporeidade nos poemas de Leodegária de Jesus e Cora Coralina está ligada à descrição minuciosa de imagens com as formas e as cores de sua infância. Com isso, essas poetisas apresentam a alma do cerrado palpitando o princípio de conexão em tudo o que existe. Essas noções ligadas à cultura de ambas as poetisas nos permitem ler seus poemas como uma lírica e uma estética enriquecidas, revelando a intersecção entre poesia, ciência e religiosidade na literatura goiana.

Oliveira (2022), ao fazer menção a Mignolo, discorre acerca do surgimento ancestral do conceito de decolonialismo, que remonta a eras longínquas, quando os grupos étnicos residentes em dadas demarcações geográficas reivindicavam seus direitos e singularidades, mantendo-se arraigados na esfera cultural. O atendimento dessa reivindicação, contudo, não se concretizou. Assim, se seus conhecimentos subsistiram, isso foi resultado de um árduo embate e de muita resiliência.

Quijano (2000) esclarece que a finalidade da colonialidade é revelar a persistência das posições coloniais de poder, conhecimento e identidade que continuam a operar na contemporaneidade. A colonialidade é utilizada como uma lente para analisar como o colonialismo está arraigado nas estruturas da sociedade global. Uma das formas de colonialidade é a colonialidade religiosa. Ao abordá-la, torna-se imperativo compreender o que constitui a religião e como estudiosos, incluindo Mircea Eliade (1992), exploram esse conceito de grande importância. Demonstraremos também as perspectivas eurocentrada e decolonial sobre o conceito de religião.

Eliade (1992) concebe a religião como o meio pelo qual os indivíduos buscam estabelecer contato com o sagrado e transcender o profano, realizando tal intento por meio de ritos e símbolos religiosos. Estes, por sua vez, assinalam a ruptura com a realidade, possibilitando às pessoas comunicarem-se com o divino.

A conexão ao campo religioso constitui a marca decisiva de uma das autoras aqui abordadas. Assim, a partir da interpretação de uma poesia marcada por uma dualidade de sonhos e sofrimentos, esperanças e desilusões, traremos à luz Leodegária de Jesus.

Vejamos o que afirma Coelho (1993, p. 30):

Dor, alegria fazem parte do misterioso processo da vida. Sua efemeridade e aparente absurdo (por estar condenada à morte) já não destrói a esperança: existe a poesia, espécie de fiadora da permanência humana; e existe a certeza de Deus e da ressurreição da carne.

Pode-se escutar longínquo canto libertador de reconhecimento, além de outros tantos elementos e seres com os quais se identifica nossa poetisa negra com histórico religioso. O último canto da avezinha emocionada com a natureza pode nos servir para pensar o que Coelho (1993) chama de “teia complexa de existência”:

Morre, na selva,
o canto da avezinha.
Suspira triste o sino: — Ave Maria,
Além, na velha torre da igrejainha.
(JESUS, 1906, p. 72).

Leodegária de Jesus dá voz narrativa à natureza — “Morre na selva / o canto da avezinha” — e utiliza símbolos que conectam o cosmo: a morte que encerra tudo, a dor final e a conversa com Deus. O poema está permeado por metáforas da tradição religiosa na qual a autora está inserida: “Suspira triste o sino: — Ave Maria / Além, na velha torre da igreja”. O sino, com cântico mariano, apresenta vetores da natureza, da história da selva, da ave, da cultura, do sofrimento e da sensibilidade humana. Com isso, adquire o aspecto de personificação no momento em que o eu lírico lhe transfere o sentimento de tristeza e dor durante a criação poética.

As autoras do cerrado utilizam em suas obras diversos símbolos metafísicos para transmitir mensagens profundas e poéticas. Como lembra Eliade (1992, p. 101), “Os símbolos despertam a experiência individual e transmudam em ato espiritual, em compreensão metafísica do mundo”.

A poetisa Leodegária nos oferece alguns versos que narram a localidade e o ícone simbólico da fé católica: “Essa cruz de madeira pequenina/ que tenho aqui/ em frente de meu leito/ perante a qual meu coração se inclina/ a que beijo/ com amor quando me deito” (JESUS, 1928, p. 81). Esse trecho retrata sentimentos de angústia e solidão, mas eles logo se transformam em gozo quando a poeta volta o seu olhar para a torre da igreja. Detectamos, portanto, a influência da religião em consonância com a importância da natureza, da conexão humana e da espiritualidade em nossas concepções de vida.

Cada manifestação religiosa tem seus próprios recintos consagrados e emblemas sacros. Dessa forma, Eliade (1992, p. 17) explica:

Para o homem religioso, o espaço não é homogêneo: o espaço apresenta roturas, quebras; há porções de espaço qualitativamente diferentes das outras [...] Há, portanto, um espaço sagrado, e por consequência “forte”, significativo, e há outros espaços não sagrados, e por consequência sem estrutura nem consistência, em suma, amorfos. Mais ainda: para o homem religioso essa não homogeneidade espacial traduz-se pela experiência de uma oposição entre o espaço sagrado — o único que é real, que existe realmente — e todo o resto, a extensão informe, que o cerca.

Eliade (1992) esclarece que, sob a óptica religiosa, surge uma categoria espacial específica denominada “sagrado”, a qual se apresenta como genuína e de grande relevância. Em contraponto, identificam-se outros domínios que não detêm a sacralidade, caracterizando-se pela ausência de estrutura, coesão e contornos definidos. Segundo a autora, a disparidade espacial manifesta-se na experiência da escolha do espaço sagrado, considerado o único verdadeiramente real.

Embora este não seja o lugar para refletir sobre as contradições implicadas aí, gostaríamos de registrar alguns exemplos que poderiam intensificar a fala poética. No poema de Leodegária, a igreja, para o eu lírico, é um lugar de encontro com o sagrado, lugar de aconchego; ficar na velha torre é ficar distante dos lugarejos, em um lugar reservado. Possuímos, portanto, o recinto sacralizado: a pequena igreja da antiga torre e o emblema venerado, a cruz. Ambas as realidades foram companheiras constantes ao longo da existência da poetisa. Em Coelho (1993, p. 158), lemos: “O júbilo da mulher ao se entregar à vivência cotidiana”. O espírito poético busca também a concretude.

No contexto em que Leodegária e Cora produziam, as mulheres eram incumbidas do papel de zeladoras do lar, desempenhando a função de donas de casa. Sofriam pressão social para manifestarem sensibilidade e delicadeza. Já os homens eram encarados como provedores do lar, líderes e protetores (ECCO, 2008). Figuras emblemáticas como Leodegária de Jesus e outras mulheres igualmente notáveis demonstraram coragem ao confrontar esses estereótipos arraigados, decidindo ingressar no mercado de trabalho e atuar como redatoras e coordenadoras de reuniões literárias.

Esses são exemplares femininos que personificam a luta e a resistência em uma sociedade que ainda carrega as marcas da herança do colonialismo, perpetuando lamentavelmente uma perspectiva subalterna da mulher. Nos termos de Britto (2011, p. 11):

Curioso é que ainda hoje as mulheres que escrevem enfrentam algumas das dificuldades encontradas por suas precursoras no século XIX. Se antes lhes eram vedado o acesso à formação escolar e a divulgação de seus trabalhos,

atualmente continuam minoria nas historiografias literárias, nas grandes editoras e ainda devem mobilizar pesados trunfos para obter autoridade ou respeitabilidade no campo literário.

Por outro lado, é incontestável que houve êxitos significativos. Um contingente ampliado de mulheres abriu caminho e contribuiu para a edificação de um domínio que, embora limitado, revela inequivocamente que sua aptidão já não suscita mais indagações, ao contrário do que se verificava nos séculos precedentes.

Entra em cena, na obra das poetisas analisadas aqui, um eu feminino visceralmente entregue à fruição do cotidiano, deliciosamente integrado na rotina diária, ligada principalmente à natureza. Trata-se de uma integração da feminilidade no espaço, na geografia. Nesse contexto, o lugar, a força da arte e o compartilhamento dos símbolos estão conectados entre o céu e a terra, entre o divino e o terreno, na plenitude de sua imortalidade:

[...] Morta... serei árvore
serei tronco, serei fronde
e minhas raízes
enlaçadas às pedras do meu berço
são as cordas que brotam de uma lira.
(CORALINA, 1976, p. 19)

É possível dizer que, a partir dessa intuição, são estruturados os esquemas visuais nos versos de Coralina e Leodegária. Dá-se o cruzamento entre ambas nos seus poemas, cada qual com sua singularidade. Elas representam a força, a resistência e a capacidade de adaptação, além de simbolizar a vida e a morte, acrescentando crescimento e frutos. Ambas as autoras atentam ao plano estético advindo dos símbolos que pertencem ao seu tempo e ao seu espaço, mas sem deixar de lado as formas da natureza — troncos, bosques, raízes, pedras, selva...

HISTÓRIA E VIDA QUE SE CRUZAM ENTRE AS POÉTICAS

Ora, a experiência da arte é uma experiência privilegiada: por meio dela, ocorre uma projeção de possíveis. Está em questão mais do que o documento de uma tradição e da organização de determinada sociedade mediante alguns pressupostos. Uma leitura da literatura de escritoras que contribuíram para a poesia goiana evidencia não somente o tempo de vida na experiência social, mas todo um contexto sociocultural.

As histórias lidas nas entrelinhas das escritas e “escrevivências”⁵ goianas das autoras aqui abordadas aparecem em diversos poemas, incluindo alguns presentes nos livros *Coroa de lírios e Orquídeas*, de Leodegária. Também se destaca aqui o poema “Todas as vidas”, de Coralina. A voz serena nos poemas reverbera e se alterna com as vozes de momentos sombrios — “vozes dolorosas, embora sempre resignadas diante da consciência do tempo como inexorável destruição dos seres e coisas” (COELHO, 1993, p. 39).

Percebe-se, nos poemas de *Coroa de lírios*, histórias, silêncios, graça, divindade. Aí está patente o espírito cristão que alimenta a poesia leodegariana. E também é possível obter *insights* valiosos sobre a vida e a cultura goianas.

No clima dessas questões, o poema “Todas as vidas”, do livro *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*, de Cora Coralina, é uma obra que encapsula a essência da experiência feminina através de uma multiplicidade de perspectivas. Coralina, ao longo de sua vida e obra, posicionou-se contra preconceitos relacionados à idade e ao gênero, utilizando a poesia como um meio de expressar e criticar a realidade social de seu tempo sem preconceitos, a ponto de declarar:

5 Criado por Conceição Evaristo, o termo “escrevivência” associa as palavras “escrever” e “vivência”, mas sua força não está somente nessa aglutinação; ela está na genealogia da ideia: em como e onde ela nasce e a que experiências étnicas e de gênero está associada. Maria da Conceição Evaristo de Brito (Conceição Evaristo) é uma escritora mineira, nascida em Belo Horizonte (MG), em 1946. Romancista, contista e poeta, é também pesquisadora na área de literatura comparada e foi professora na rede pública fluminense. Sua matéria-prima literária é a vivência das mulheres negras, e seu trabalho tem por base reflexões sobre as profundas desigualdades raciais brasileiras

Vive dentro de mim uma cabocla velha
de mau-olhado,
acorçada ao pé do borralho,
olhando para o fogo.
[...]
Vive dentro de mim
a lavadeira do Rio Vermelho.
[...]
Vive dentro de mim
a mulher cozinheira.
[...]
Vive dentro de mim
a mulher do povo.
[...]
Vive dentro de mim
a mulher da vida.
[...]
Vive dentro de mim:
Na minha vida —
a vida mera das obscuras.
(CORALINA, 2014, p.31)

As autoras goianas falam de um lugar posto num determinado tempo, que se pressupõe como ponto de partida para a visualização de algumas feições contemporâneas do encontro entre a memória e a cultura, entre o santo e o profano. A ideia é que, numa tal claridade, elas possam ver de modo mais puro e ouvir mais claramente o que fala à sua essência. Nesse horizonte hermenêutico, quando transmitem suas emoções e sentimentos por meio da linguagem poética, as poetisas têm configurada sua capacidade de criação.

É importante registrar que, através de suas crenças, cada uma das autoras exerceu sua singularidade e deu destaque à sua memória e às suas relações com o sagrado, mas ambas caminharam para um lugar comum: a produção de literatura num contexto ermo e numa época marcada pelo coronelismo. Nesse sentido, como afirma Lemos (2013, p. 206), “Vale destacar que, desde seus inícios, o movimento feminista vai construindo uma espécie de mística secular que vai alimentar suas concepções e práticas sociais de resistência ao patriarcado”. Certamente foi por meio dessa vivência que ambas apresentaram um traço em comum que as aproxima e identifica como participantes de uma mesma força.

As vozes femininas no âmbito da poesia se posicionaram no modelo da sociedade tradicional, mas avançaram. Elas exploram essas questões de maneiras diferentes, mas suas histórias se complementam para fornecer um retrato abrangente da vida e cultura goianas. Com Coelho (1993, p. 16), entre “os fatores mais importantes que atuam na ‘gestação’ dessa nova mulher (cuja presença na sociedade se faz a cada dia mais forte), destacaremos o amadurecimento crescente de sua consciência crítica”.

A literatura lírica-sentimental das autoras tem como referenciais de valores o desafio e a subversão de narrativas como forma de resistência, no intuito de possibilitar que as mulheres reivindicuem suas próprias histórias e identidades. Além disso, está em questão uma forma de superar as condições de opressão e desigualdade que frequentemente as limitam.

Assim, é preciso flexibilizar a categoria “mulher”, passando do sujeito abstrato ao sujeito concreto, reconhecendo assim que, se a mulher não existe como uma universal, isto é, como sujeito uno, há, no entanto, mulheres concretas, heterogêneas, múltiplas, que compartilham, cada uma ao seu modo, uma série de opressões, e que podem, então, no mínimo como estratégia de ação política, compartilhar também de um objeto comum (MARINHO; ECCO, 2020, p. 78).

Ao despontar no horizonte do Centro-Oeste, a literatura de mulheres goianas diz que o sertão está vivo. “Desse amadurecimento crítico resulta, na literatura, a presença cada vez mais nítida de uma nova consciência feminina, que tende, cada vez com mais força e lucidez, a romper os limites do seu próprio Eu” (COELHO, 1993, p. 16).

Não por acaso, a poesia das autoras goianas se revela uma fonte valiosa para a compreensão da experiência feminina em uma época difícil em Goiás, que estava sob o comando de coronéis. Afinal, as autoras viveram em um tempo e um espaço em que as mulheres eram marginalizadas, submissas e ligadas a tradições religiosas. Como formula Paz (1992, p. 198), “[...] quem, o que e como somos? [...] somos nada, exceto uma relação [...] como parte de uma história”. O fio da construção da identidade é traçado enquanto constante possibilidade de entender o eu-poeta, o ser e a existência que universaliza suas emoções individuais.

Apesar de Leodegária e Cora terem essa relação íntima com Goiás, suas trajetórias também são marcadas por diferenças, na medida em que elas pertencem a espaços geográficos de produção e fenômenos artísticos distintos. Cora, ainda jovem, mudou-se para São Paulo, retornando somente depois de 45 anos à sua terra natal, onde produziu sua literatura. Leodegária também foi viver em terras distantes de sua infância e, ao mediar uma relação com o mundo que deu sentido à sua condição de sujeito, quebrou paradigmas: sendo mulher e negra, tornou-se professora e chefe de família. Vemos aí a interseção de raça, gênero e classe, não marcada nas entrelinhas, mas na nova mulher que se assume na escrita, em sua poesia, criando uma voz que é simultaneamente pessoal e política.

Cora Coralina enfoca a experiência humana também em virtude de sua possível transcendência através da arte, do espírito e das emoções profundas que moldam a existência. Ela ainda faz referência às crenças em seus poemas, mas de maneira mais sutil. Trata-se de um silêncio que fala, numa comunicação que se dá em um nível de transcendência, para além da história. “É com estas que se identifica a fala-de-mulher que aqui se faz ouvir” (COELHO, 1993, p. 159).

Como toda poesia que se faz de uma voz interior atenta ao exterior, a poesia de Cora e a de Leodegária expressam em transformações de seu tempo/memória uma luz sobre a palavra/poesia. É de um lugar comum que alçam as suas falas, é do lugar da alma que se relacionam com o mundo. Ambas exploram na poesia seu sentido enquanto sujeitos no mundo, ainda que se trate de sujeitos tutelados pelo poder do mando num território empobrecido.

CAMINHOS POÉTICOS

O caminho de Cora Coralina e Leodegária de Jesus tem início nos anos 1900, “quando a poesia ainda se defrontava, perplexa, com conflitos entre os valores espiritualistas da tradição cristã e as conquistas materialistas da ciência, e a fermentação modernista” (COELHO, 1993, p. 37). Além da paixão pela poesia, Leodegária de Jesus e Cora Coralina também compartilhavam outras características em sua produção poética.

Como vimos, uma delas era a valorização das raízes regionais e culturais de Goiás. Ambas incorporavam em seus versos elementos da natureza, costumes, crenças e tradições populares da região. Outro ponto em comum era o uso de uma linguagem simples e acessível, que se aproximava da oralidade e facilitava a compreensão de seus poemas pelos leitores. Isso não significa, no entanto, que suas poesias fossem superficiais ou desprovidas de complexidade.

Leodegária de Jesus e Cora Coralina também abordavam em suas obras temas como a condição da mulher na sociedade, a desigualdade social, a vida cotidiana e a passagem do tempo. Coelho (1993, p. 16-17) abre mais um círculo em sua busca incansável:

No âmbito da poesia, as vozes femininas [...] (tal como a dos homens) se fazem ouvir a partir dos anos 60, embora apresentando as mais variadas tendências de estilo, [...] cujo referencial de valores se pautava pelos padrões que a sociedade cristã/patriarcal defendia como únicos e absolutos (castidade, submissão à autoridade do homem; discricção, ingenuidade, paciência, resignação, etc.) [Assim,] a mulher chegou a uma literatura ético-existencial que expressa claramente o rompimento da polaridade maniqueísta inerente à imagem padrão da mulher.

Nesse sentido, suas poesias, por vezes, carregavam um tom de nostalgia e melancolia, mas também uma força e uma resistência diante das adversidades da vida. “A força anímica do espírito que alimenta artistas, escritores e pensadores na Modernidade manifesta-se na convicção da necessidade e premência de se criarem, então, novos modelos alternativos em todos os campos do saber e do agir humano” (RAMÓN, 2003, p. 106). Por fim, ambas as poetisas deixaram um legado importante para a literatura goiana e brasileira, contribuindo para a valorização da cultura popular e da poesia como forma de expressão artística e resistência.

Essa identificação entre Cora e Leodegária possui raízes, pois as escritoras goianas já produziam (escreviam) desde mocinhas. Ambas atuaram como colaboradoras do jornal regional *A Rosa*, como mencionamos anteriormente. Como ressalta Teles (1982, p. 44):

No ano de 1907, foi lançado o semanário *A Rosa*, impresso em papel cor-de-rosa e que era dirigido por mulheres como Cora Coralina, Leodegária de Jesus, Rosa Godinho e Alice Sant’Anna. Era por meio deste jornal que as ideias do movimento literário em Goiás tomavam impulso e também que suas dirigentes ofereciam bailes em um ambiente refinado, com literatura refinada e com todas as suas participantes vestidas de cor-de-rosa.

Apesar das dificuldades impostas no campo literário, Leodegária foi a primeira mulher e a primeira negra a publicar um livro nas letras goianas, fato louvável, pois naquele período até mesmo os homens enfrentavam dificuldades para publicar suas obras. Coralina também enfrentou dificuldades, preconceito de gênero e até falta de recursos financeiros, mas sua carreira literária (marcada por escritas em prosa, poesia e contos) foi conquistando leitores. Ela retratava a vida simples e as dificuldades enfrentadas pelas pessoas comuns do interior do Brasil Central.

Como ressaltou Regina Dalcastagnè (2010), a presença de autoras no âmbito literário continua a gerar tensões e estigmas. A produção literária das mulheres ainda é frequentemente categorizada como “literatura feminina”, um rótulo que tende a desconsiderar suas singularidades ao associá-las a uma “dicção feminina”. Tal conceito ignora as particularidades de cada escritora. Além disso, persiste a percepção de que certos estilos e temáticas são mais apropriados para mulheres, enquanto outros permanecem como territórios interditos.

O desenvolvimento intelectual das poetisas do Centro-Oeste é percebido de imediato até por críticos que, mesmo com poucos conhecimentos teóricos das poesias, versificam o conteúdo sociocultural em que ocorrem as narrativas. Ao captar essa relevância, os críticos literários se veem como agentes das boas-novas ao abordar nossas poetisas goianas: dão condições do relevo e apontam para aspectos políticos, que sofrem mutação especialmente no século XX.

Como já pontuamos, as obras de Leodegária e Cora são elaboradas com linguagem simples e se enraízam na cultura popular e nas tradições religiosas do interior goiano. É pela simplicidade e pela beleza das palavras que ambas as escritoras conquistam o leitor: com a memória, instigam-nos a pensar o presente, a encontrar os fios que tecem as transformações socioculturais.

É nessa Goiás historicamente constituída que Leodegária e Cora se formam enquanto pessoas e se relacionam com a cultura, que lhes apresenta os ritos, signos e símbolos posteriormente transformados em agentes metafóricos, alçando a fala de cada uma delas.

Esse lugar está localizado na alma das poetisas goianas e medeia suas relações com o mundo, além de dar voz à sua condição de sujeito. Descortina-se esse horizonte sobretudo na entrega para além da poética: ele está presente na visceral experiência de vida que seus versos expressam, aprofundando-se na experiência do destino da mulher e poeta que adentra a poesia goiana de forma desafiante.

O POEMA “SUPREMO ANHELO”, DE LEODEGÁRIA DE JESUS

“Supremo anhele”, um poema de Leodegária de Jesus publicado em 1928, é uma expressão lírica profundamente imbuída de saudosismo, natureza e anseio de retorno às raízes. Nesse soneto, a autora evoca a beleza e a serenidade de sua terra natal através de imagens vívidas da paisagem natural que marcou sua juventude. Eis o poema:

Supremo anhelos

Voltar a ti, ó terra estremecida,
E ver de novo, à doce luz da aurora,
O vale, a selva, a praia inesquecida,
Onde brincava pequenina outrora;

Ver uma vez ainda essa querida
Serra Dourada que minh'alma adora;
E o velho rio, o Cantagalo, a ermida,
Eis o que sonho unicamente agora.

Depois... morrer fitando o sol no poente,
Morrer ouvindo ao desmaiar fagueiro
Da tarde estiva o sabiá dolente.

Um leito, enfim, bordado de boninas,
Onde dormisse o sono derradeiro,
Sob essas verdes, plácidas colinas.
(JESUS, 1928, p. 23)

O uso da palavra “terra” não apenas localiza geograficamente seu desejo, mas também carrega uma carga emocional intensa, aludindo à cultura e aos hábitos que definem essa identidade específica. A obra se destaca não só pela sua riqueza imagética e emotiva, mas também por sua estrutura formal que abraça a tradição romântica, mesmo que, à época, a poetisa enfrentasse críticas por adotar um estilo literário dominado por escritores homens e marcado pelo romantismo.

Esse poema transita entre o pessoal e o universal, articulando um desejo íntimo de reconexão com o passado e a natureza ao mesmo tempo que reflete sobre a mortalidade e a busca por paz final no seio da terra amada. “Supremo anhelos” não apenas revela as emoções da subjetividade lírica de Leodegária, mas também conduz à discussão sobre seu lugar social como mulher negra em um período de dominação machista e coronelismo no Brasil. Seu trabalho, portanto, emerge não só como uma expressão artística individual, mas também como um documento cultural significativo, oferecendo uma importante perspectiva sobre as dinâmicas de gênero, raça e classe em sua época.

Na análise teórica do poema, consideramos as contribuições de Pierre Bourdieu e Nelly Novaes Coelho, explorando como “Supremo anhelos” se posiciona nas estruturas de poder e como reflete as lutas e resistências de Leodegária de Jesus, tanto na forma quanto no conteúdo. Bourdieu (2007) nos ajuda a entender as relações de poder no campo literário e o capital cultural que Leodegária de Jesus mobiliza. Já Coelho (1993) nos oferece uma lente para apreciar a inventividade literária da autora e o significado de sua obra no contexto das produções literárias femininas de sua época.

O poema reflete o *habitus* de Leodegária de Jesus, incorporando suas experiências de vida como mulher negra em um contexto de dominação patriarcal e coronelismo. O saudosismo romântico expresso no desejo de retorno à terra natal transcende a memória pessoal, funcionando também como um comentário sobre o pertencimento e a alienação em seu campo social. Essa expressão de saudosismo, enquanto característica romântica, destaca como a poetisa negociou sua posição no campo literário da época, dominado por homens e pelas convenções do romantismo.

Ao adotar e adaptar a métrica camoniana e o estilo romântico, Leodegária não só demonstra seu capital cultural, mas também subverte a expectativa de sua exclusão como mulher negra do campo literário. A descrição vívida da terra e da natureza em “Supremo anhelos” é um ato de resistência contra a violência simbólica que tentava silenciar vozes como a dela, reafirmando sua identidade e seu direito de expressão poética.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cora Coralina e Leodegária de Jesus, com suas obras e trajetórias de vida, ilustram a capacidade da literatura de desafiar estruturas de poder, oferecer resistência cultural e promover

mudanças sociais. Elas destacam a importância de reconhecer e valorizar as vozes marginalizadas, especialmente em contextos marcados pela opressão e pelo silenciamento. Sua literatura não é apenas um testemunho de sua época; é também uma inspiração para a busca contínua por igualdade, representatividade e justiça social.

A presença da autoria feminina no cenário literário, particularmente nas obras de Cora Coralina e Leodegária de Jesus, representa um ato de reivindicação e resistência em um domínio tradicionalmente comandado por vozes masculinas. No contexto específico do Brasil do século XX, marcado por estruturas de poder profundamente arraigadas na colonialidade e no patriarcado, a emergência de escritoras como Coralina e Jesus não é apenas significativa, mas revolucionária. Elas quebraram restrições impostas às mulheres na criação de arte literária e fomentaram espaços para a expressão de identidades femininas autênticas, desafiando as normas sociais e literárias de sua época.

Cora Coralina e Leodegária de Jesus ultrapassaram barreiras significativas, demonstrando extraordinária perseverança e paixão pela literatura, apesar dos preconceitos relacionados à idade, ao gênero e à raça. A decisão de Coralina de iniciar sua carreira literária formalmente aos 76 anos e o fato de Jesus ter sido a primeira mulher negra goiana a publicar poesia refletem uma quebra das restrições impostas às mulheres no campo literário.

Ao focar temas como a vida cotidiana, a natureza, a cultura afro-brasileira e a condição social das mulheres e outros grupos marginalizados, Coralina e Jesus criaram um universo literário que valoriza e legitima as experiências femininas. Suas obras agem como espelhos da realidade vivida por muitas mulheres, oferecendo perspectivas raramente vistas na literatura da época. Isso estabeleceu um precedente importante para futuras gerações de escritoras, provando que as vozes femininas tanto têm valor quanto são essenciais para a compreensão completa da experiência humana.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Trad. Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- ALMEIDA, Maria Sueli de. **Goiás: da Colônia à Capitania, 1738 -1822**. Editora UFG: Goiânia, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 4. ed. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Trad. Sérgio Miceli et al. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Trad. Sérgio Miceli et al. São Paulo: Perspectiva, 2007a.
- BOURDIEU, Pierre. **Meditações pascalianas**. Trad. Sergio Miceli. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007b.
- BRITTO, Clovis Carvalho. “Dar que falar às bocas de Goiás”: estratégias e repercussões do projeto criador de Cora Coralina no campo literário brasileiro. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v. 14, n. 27, p. 339-357, 2009.
- BRITTO, Clovis Carvalho. **A economia simbólica dos acervos literários: itinerários de Cora Coralina, Hilda Hilst e Ana Cristina César**. 2011. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2011.
- COELHO, Nelly Novaes. **A literatura feminina no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Siciliano, 1993.
- CORALINA, Cora. **Meu livro de cordel**. 3. ed. Rio de Janeiro: Global Editora, 1976.
- CORALINA, Cora. **Poema dos becos de Goiás e estórias mais**. Rio de Janeiro: Globo, 2014.
- CORALINA, Cora. **Vintém de cobre: meias confissões de Aninha**. 6. ed. São Paulo: Global Editora, 1997.

- DALCASTAGNÈ, Regina. **Deslocamentos de Gênero na Narrativa Brasileira Contemporânea**. São Paulo: Editora Horizonte, 2010.
- DENÓFRIO, Darcy França. **Lavra dos Goiazes**: Leodegária de Jesus. Goiânia: Cãnone Editorial, 2001.
- ECCO, Clóvis. A função da religião na construção social da masculinidade. **Revista da Abordagem Gestáltica**, Goiânia, v. 14, p. 93-97, jun. 2008.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FRANÇA, Basileu. **Poetisa Leodegária de Jesus**. Goiânia: Kelps, 1996.
- JESUS, Leodegária. **Coroa de lírios**. Campinas: Editora Livro Azul, 1906.
- JESUS, Leodegária. **Orquídeas**. São Paulo: Editora Ave Maria, 1928.
- LEMO, Carolina Teles. Religião e patriarcado: elementos estruturantes da concepções e das relações de gênero. **Revista Caminhos**, Goiânia, v. 11, n. 2, p. 201-217, jul.-dez. 2013.
- MARINHO, Thais Alves; ECCO, Clóvis. Religião, cultura e sistema simbólico. **Revista Caminhos**, Goiânia, v. 18, p. 62-86, mai. 2020.
- OLIVEIRA, Eduarda Tavares. Sobre os ditos e os não ditos: a trajetória de Leodegária de Jesus na imprensa (1889-1978). 2022. 151 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2022.
- PAZ, Octávio. **Labirinto da solidão**. 3. ed. Trad. Eliane Zagury. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1992.
- PAZ, Octávio. **O arco e a lira**. 2. ed. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (ed.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais — perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2000. p. 55-85.
- RAMÓN, Saturnino Pesquero. **Cora Coralina: o mito de Aninha**. Goiânia: Editora UFG, 2003.
- TELES, Gilberto Mendonça. **A poesia em Goiás**. Goiânia: UFG, 1982.